

LUCIANO PIRES

ENSAIO SOBRE MERITOCRACIA



ENSAIO SOBRE MERITOCRACIA

Escrito por Luciano Pires





Este e-book é o resumo da série do Podcast Café Brasil (460, 461, 462 e 463) que abriu a discussão sobre meritocracia, outra daquelas polêmicas reflexões que deixam alguns satisfeitos e outros furiosos, do jeito que a gente gosta. A intenção foi desmistificar o conceito de meritocracia, que, há tempos, passou a ser usado como arma de combate ao liberalismo, capitalismo e tudo o que fosse contra as ideias progressistas de esquerda. Meritocracia quase se transformou em palavrão na boca dos que não sabem do que estão falando. Aquela série e este e-book vieram para ajudar a colocar as coisas em seus devidos lugares.

Antes, preciso deixar uma questão bem clara: o tema meritocracia está totalmente embrulhado numa roupagem ideológica que impede que muitas pessoas vejam sua essência. Basta tocarmos no tema para derrubar o disjuntor dos mais estressados ideologicamente, que partem para o xingamento e a ofensa. Por isso vou com cuidado, e muitas vezes você sentirá que estou sendo repetitivo. Não estranhe. É cuidado apenas.

Vamos nessa?

Primeira situação: num dos episódios da série Game of Thrones, Tyrion Lannister, interpretado pelo ator Peter Dinklage, que é anã...ops!... verticalmente prejudicado, é levado como prisioneiro por Sor Jorah Mormont até a rainha Daenerys Targaryen. O diálogo travado é tenso. O pequeno Tyrion sabe que sua cabeça pode rolar a qualquer momento e começa a argumentar com a rainha. Termina por convencê-la a não matar Sor Jorah, que acaba expulso da cidade. Aos poucos, pela inteligência dos argumentos, Tyrion vai deixando claro que pode ser um útil aliado para a rainha, que acaba convocando-o para servi-la como uma espécie de conselheiro. O prisioneiro com a cabeça a prêmio transforma-se assim em protegido da rainha.

E por que isso aconteceu? Porque Tyrion Lannister conseguiu mostrar que valia mais vivo ao lado da rainha do que morto. Já Sor Jorah Mormont não conseguiu nada e acabou expulso.

Para a rainha, Tyrion vale mais que Mormont.

Segunda situação. Volte à infância. Você é o dono da bola e reúne a molecada para escolher os jogadores para os dois times. Você escolhe

um, o garoto responsável pelo time adversário escolhe outro. Você começa. Primeiro escolhe o Juquinha, que você sabe que joga muita bola. Depois escolhe o Paulinho, que também joga bem. E assim vai... Até que no final sobram dois garotos, com caras tristes. Um é escolhido, e resta o Zezinho, que é um daqueles pernas-de-pau fundamentais. Como não há opção, ele vem parar no seu time, fazer o quê?

No processo de escolha, uma coisa ficou clara: para você, naquele momento e contexto, o Juquinha, que joga muita bola, valia mais que o Zezinho. Ou não?

Terceira situação. Sala de aula. A professora manda formar duplas para fazerem um trabalho de matemática daqueles de perder o sono. Você, que é bonzinho em matemática, olha em volta para escolher com quem se juntar e vê o Juquinha, o boleiro, olhando para você com cara de súplica. Ele é ruim, muito ruim em matemática. E aí você olha para o outro lado e vê o Zezinho, o perna-de-pau, quietinho. O garoto é um gênio da matemática. É claro que você vai optar fazer dupla com ele, não é? O Juquinha que se dane!

No processo de escolha, uma coisa ficou clara: para você, naquele momento e contexto, o Zezinho, que manja de matemática, vale mais que o Juquinha. Ou não?

Quarta situação: numa viagem no tempo, você voltou para 1914 e está dirigindo seu DeLorean quando o freio falha. O freio de mão também falha. Lá na frente, você vê dois garotos com seus 14 anos de idade. Para qualquer lado que você jogar o carro, vai atropelar um deles. Você tem que escolher um lado. Um dos garotos é Albert Sabin,

muito antes de desenvolver a vacina contra a poliomielite, e o outro é um Zé Mané qualquer. Para qual lado você joga o carro? Para o do Zé Mané, é claro! Você sabe o valor que Sabin terá para a humanidade!

No processo de escolha, uma coisa ficou clara: para você, naquele momento e contexto, Albert Sabin vale mais que o Zé Mané. Ou não?

O que é que Tyrion Lannister, o Juquinha, o Zezinho e Albert Sabin têm em comum, cada um em seu contexto? Os quatro conseguiram mostrar que podem criar valor para alguém, e por isso passam a valer mais que os outros.





Bem-vindo à meritocracia.

Meritocracia vem do latim MEREIO, que quer dizer “eu mereço”, mais KRATOS, do grego antigo que quer dizer “força”, “poder”. Meritocracia significa dar poder ao indivíduo baseado exclusivamente em sua habilidade e talento.

Meritocracia passou a designar uma forma de gestão baseada no mérito. O sucesso que você obtém é aquele que você merece. Sua educação, sua moral, suas aptidões específicas para determinadas atividades são fatores determinantes para a construção desse merecimento.

Mas é impressionante a quantidade de gente que não compreende exatamente do que se trata a meritocracia. Algumas pessoas, por exemplo, sugerem que a meritocracia seria uma fórmula mágica, algo como “trabalho mais esforço é igual a riqueza e sucesso”. Ou seja: se você se esforçar bastante, conquistará o sucesso. Essa gente confunde mérito com esforço.

Nada mais falso. Isso não é meritocracia.

O pobre agricultor miserável lá no sertão do Nordeste, que trabalha duro de sol a sol, todos os anos de sua vida, tem grandes chances de morrer pobre e miserável. O pedreiro que também se mata de sol a sol carregando tijolos e erguendo paredes tem grandes chances de se



aposentar como pedreiro. A professora primária que se mata para dar aulas em três escolas, corrigir provas, participar de seminários e ainda cuidar dos filhos tem grandes probabilidades de terminar a vida como professora aposentada. E dura. O taxista que passa 18 horas ao volante num trânsito infernal tem grandes possibilidades de terminar a vida como taxista... O trabalho duro e digno dessas pessoas não garante nada além de mais trabalho duro.

Qualquer desses profissionais só terá duas chances de se tornar rico com base na força de seu trabalho: se der sorte ou se conseguir, como Tyrion Lannister, o Juquinha, o Zezinho e Albert Sabin, demonstrar que tem valor para alguém.

Mas sorte é sorte, não é? Na maioria das vezes não temos controle sobre ela. Falarei de sorte em outro texto. Aqui quero focar na questão do valor, com uma daquelas frases que causam arrepios em alguns por aí. Prepare-se:

Quem define seu mérito é a percepção de valor que as pessoas têm de você.

Viu a pausa? Foi para você se recuperar.

O mérito que você tem depende de sua capacidade de fazer com que as pessoas percebam o valor que você cria para elas. Em outras palavras: o preço do seu esforço, do seu trabalho, da sua dedicação é definido pela quantidade de valor que você é capaz de gerar para quem está disposto a pagar pelo trabalho que você faz.

- *Valor... Luciano, você tá falando de dinheiro?*



Nem sempre, viu? Um filme estrelado por Brad Pitt, por exemplo, tem grandes chances de atrair uma milionária bilheteria. Brad Pitt atrai dinheiro, por isso ganha 20 milhões de dólares para participar de um filme. O valor que ele produz é notável e pode ser contabilizado em dinheiro.

Neymar é garantia de espetáculo, de fãs de futebol, de venda de camisetas, de audiência, de patrocinadores pagando milhões para tê-lo como garoto-propaganda. Por isso ganha em uma temporada o equivalente àquilo que você vai ganhar nesta e em outras 100 vidas.

Gente que gera dinheiro merece ganhar muito dinheiro.

Mas tem gente que vale não apenas pelo dinheiro que traz. Por exemplo, aquele arquiteto renomado que cobra o preço do apartamento para decorar o apartamento. Ele tem alto valor por causa da satisfação que entrega a seus clientes. Além da beleza estética que ele entrega, a turma paga caro para dizer de boca cheia que “meu apartamento foi decorado pelo fulano de tal”. Esse é o valor, intangível, que o tal arquiteto entrega.

Um famoso chef chamado Jun Sakamoto tem um restaurante com seu nome em São Paulo. Dedicado à culinária japonesa, o restaurante não tem nome na fachada, só funciona com reservas e apenas oito, repito, oito pessoas são atendidas a cada noite, pelo próprio Jun. E pagam quase 400 reais pela degustação dos seus refinados pratos.

Quem vai ao restaurante do Jun sai de lá satisfeito por ter sido atendido pelo famoso chef. E também pela comida sofisticada. Mas pagou mesmo pelo atendimento, para poder dizer:



- *Fui atendido pelo Jun Sakamoto...*

E a cabeleireira ou o barbeiro que atendem você há anos, que construíram uma relação de confiança, que antecipam suas necessidades e sabem do que você gosta? Pode até ser que você pague a eles mais que a média de outras cabeleireiras ou barbeiros, principalmente pela satisfação, pela relação de confiança e segurança que eles trazem, percebe? Pelo valor intangível que eles geram para você.

E assim vai...

É, meu caro, não tem jeito. Dependendo das circunstâncias, tem gente que vale mais que eu. Que você. É duro reconhecer, mas é assim que o mundo funciona. Pronto!

Ficou nervoso?

Vamos lá: nenhum ser humano vale mais, enquanto ser humano, do que outro ser humano. Mas isso nada tem a ver com meritocracia.

E quando se trata de um operário numa fábrica que passa oito horas produzindo engrenagens num torno? Como ele existem outros 1.000 executando a mesma função, da mesma forma, e mais 1.000 procurando o mesmo emprego. Se esse operário é capaz de produzir muito mais engrenagens que os outros, sobressaindo-se por sua eficiência e produtividade, torna-se um gerador de valor diferenciado, passa a ser disputado pelos concorrentes e precisa ser mais bem remunerado para não ir embora. O trabalho dele vale mais que o trabalho dos colegas que ficam na média.



Mas digamos que esse operário não seja um resignado. Ele quer mais. Decide trabalhar de dia e estudar à noite. Que dureza, cara! Aprende mais e conhece outras pessoas. Faz contas. Faz contatos. E um dia decide jogar tudo pro alto, vende seu carro, compra um torno e começa a prestar serviços para a fábrica onde trabalhava. Pela qualidade de seu trabalho, vai progredindo e contrata um ajudante. Depois compra outro torno, e um dia se vê dono de uma pequena indústria. Quantas histórias assim você conhece? Ou esse exemplo é exceção? Tudo isso aconteceu pelo mérito daquele operário, que decidiu que queria buscar mais e saiu trabalhando duro e arriscando. E deu certo.

- Ué, mas então bastou o cara trabalhar duro para ter seu mérito valorizado, Luciano!

Engano seu. Trabalhar duro ele já trabalhava como operário e ia passar assim o resto de seus dias. O que ele fez foi trabalhar duro, mas na direção de criar um tipo diferente de valor.

Agora digamos que outro operário na mesma situação faça a mesma coisa. Aprende, conhece gente, vende o carrinho, compra um torno e começa a trabalhar por conta própria. E um dia quebra, fica endividado e tem de sair à cata de emprego. Fez tudo que aquele outro fez, trabalhou tanto quanto, se esforçou da mesma maneira e... quebrou!

Você vai dizer que esse coitado vale menos que aquele outro que deu certo?

Bem, como ser humano ele vale igual, mas o trabalho dele vale mais!



Entendeu o exercício fundamental? Separe o ser humano do trabalho do ser humano. Meritocracia não julga seres humanos, sua moral e seus costumes, mas a capacidade de geração de valor.

De novo: não estou comparando as pessoas, mas as atitudes que elas tomaram.

O primeiro operário conseguiu criar valor para alguém, o segundo, não. E isso não quer dizer que um seja bom e o outro, ruim! Ambos se esforçaram igual, ambos se arriscaram igual, ambos fizeram tudo direitinho, mas um deu certo e o outro não. Um mereceu. O outro não. Talvez porque um tenha enxergado algo que o outro não viu. Talvez um tenha tido contatos que o outro não tinha. Talvez um tenha tomado a decisão num contexto diferente do outro, não importa. Alguém viu valor no trabalho de um, ninguém viu valor no trabalho do outro.

Entendeu onde entra a meritocracia? Ela não julga o ser humano, ela julga o valor que ele cria. E isso é muito mais que se esforçar. E não tem nada a ver com capitalismo.

Vou repetir.

Meritocracia não julga o caráter, a moral ou o valor de um ser humano. Meritocracia julga o valor que um ser humano é capaz de criar.

Calma você aí que está com sangue nos olhos. Vai piorar...

Deixe-me então voltar e falar bem devagar e pausado sobre o que é



meritocracia: a pessoa merece ser remunerada pela quantidade de valor que ela gera para a empresa ou para a sociedade. Não é a quantidade de horas de trabalho ou o esforço empregado que importam, mas o resultado obtido. O mérito vem do valor gerado e não do trabalho em si. Não estou pedindo a você pra se conformar com isso, estou apenas dizendo que é assim que funciona, com o Juquinha do futebol, com a empregada, com a enfermeira, com o porteiro e com o presidente da multinacional.

Qual é a moral da história?

Qualquer um pode subir na vida sim senhor, mas vai ter que ser mais que a média dos que o cercam. Se é dentista, terá de ser mais que um dentista médio. Se é jogador de futebol, terá que jogar mais que a média dos outros. Se é faxineiro, terá de ser mais que um simples faxineiro. Se é professor, terá que ser “o” professor. Continuando a ser somente um esforçado, que se mata de trabalhar, você ficará aí mesmo, estagnado.

Enquanto escrevo este texto, entra um comentário de um leitor em minha página do Facebook, num post que fiz sobre a geração mimimi. Ele diz assim:

- Nasci em 1983, com 19 virei caminhoneiro, com 23 comecei a estudar ADM, com 25 casei, com 28 virei pai, com 30 me formei, com 31 deixei de ser caminhoneiro, com 32 terminei uma Pós em Gestão em Logística. Hoje cuido do RH de uma metalúrgica com 150 funcionários. Pergunta se foi difícil.

Pois é... Fácil é que não foi, não é? E esse certamente não nasceu em



berço de ouro. Quer saber de histórias de gente que deu aquele passo a mais e criou valor a partir de esforço próprio? Escute algumas entrevistas muito especiais que fiz no podcast chamado LíderCast, como as de Kiko Loureiro, Aquiles Priester, Ronny Clayton D´Ajuda, Thiago Oliveira, Edu Lyra e Janaína Paschoal. Estão aqui: <http://www.portalcafebrasil.com.br/todos/lidercast/>

São exemplos de gente comum, mas obstinada, que compreendeu que podia gerar algum valor e acabou fazendo a diferença.

- Ah, mas na minha empresa fui preterido numa promoção em favor da Regininha, que é mais gostosa e deve ter dado pro chefe!

Bem, vai me desculpando aí, sabe, mas a Regininha criou mais valor pro chefe que você...

- Ah, o Osvaldo faz o mesmo trabalho que eu mas ganha mais, é protegido, o chefe gosta mais dele! E ele não merece, pô!

Bem, quem acha que ele não merece é você, mas alguém acha que sim, alguém vê nele mais valor do que vê em você.

- Ah, mas isso é uma injustiça!!! O Osvaldo teve mais oportunidades que eu!!!

Opa, estamos entrando naquele chororô que você conhece: ah, mas eu sou pobre, eu não tive as mesmas oportunidades que aquele outro que é filho de rico! Pois é... não teve mesmo. Bem-vindo ao planeta Terra.

Quando a discussão chega a esse ponto, saímos do território da meritocracia para tratar de outra coisa. Começamos a questionar a justiça da sociedade, o julgamento do chefe, as condições de partida de cada um, a moralidade e a ética da sociedade e dos indivíduos... Isso, meu caro, está antes da meritocracia. Ou daquilo que eu entendo como meritocracia.

Olha só: ter a sorte de nascer numa família abastada, de ter dinheiro, nunca foi garantia de sucesso. Assim como nascer numa família pobre e não ter dinheiro nunca foi garantia de fracasso.

Nascer numa família abastada e ter dinheiro ajuda? Claro que sim! Facilita muito as coisas, cria oportunidades, mas não serve como garantia. Sem mérito, a única coisa que quem tem dinheiro consegue fazer é gastar o dinheiro que tem. Que um dia acaba.

Dinheiro, bolsa de estudos, amizades influentes e fama só servem a quem está disposto a construir mais, a multiplicar. Sem esforço e trabalho duro, o sucesso não se sustenta. E assim voltamos ao começo:

- Ah, então é preciso trabalho duro e esforço?

Ué? Quem disse que não? Mas só isso não basta...

- Ah, mas e os exploradores? E os capitalistas selvagens?

Ora, de novo, bem-vindo ao planeta Terra. Exploradores, oportunistas, ladrões, enganadores, malandros existem aos montes. Gente que busca o sucesso à custa dos outros. Alguns até trabalham duro, viu?



Tem também a Regininha lá que deu pro chefe...

É então que entra outro componente da equação da meritocracia: a moralidade.

Moral. Ética. Lembra que uma vez você já ouviu falar disso?

O patrão déspota, o que explora e oprime, o que pressiona psicologicamente, o que não dá condições de trabalho, esses existem sim, e não são poucos, viu? Mas pare e se pergunte. O que é que você está fazendo aí, trabalhando com esse idiota? Esse sujeito não tem moral, pô! E você só se submete a ele porque quer. A culpa é sua!

- Ah, Luciano, mas não tem emprego!

Bem, então conforme-se! Ou crie um plano B. Se você acha que seu chefe é um troglodita, troque de troglodita! Ao menos você terá a oportunidade de mandar aquele primeiro às favas. Mas não se conforme, crie um plano para buscar sistematicamente uma oportunidade, uma saída. Uma transferência de área ou um outro trabalho. Só não dá para continuar como o bovino que faz mimimi.

Livre-se das pessoas que não são capazes de reconhecer seu valor, mas, antes disso, assegure-se de que você tem algum valor a ser reconhecido, além de ser o pobre funcionário esforçado que se mata de trabalhar.

Muito bem. Mas e aquele mendigo que não teve oportunidades? E a criança mal alfabetizada, mal alimentada, o filho do pobre que perderá para o filho do rico? E o sem teto, o sem camisa, o sem carro,

o sem futuro?

Tem gente que jura que eles só existem por causa da meritocracia, essa coisa maldita do capitalismo, que os deixou de fora da festa para serem explorados. Olha aqui: esses problemas sociais vêm antes da meritocracia. A sociedade precisa cuidar dessas carências, criar programas de reinserção social para essas pessoas, dar a elas as condições para que possam começar a girar a roda da geração de valor, para que entendam a importância do valor proporcionado pelo trabalho. Para que despertem sua veia de empreendedorismo.

- Ah, mas então você está apoiando as políticas sociais do governo, Luciano?

Claro que sim! Mas note que eu disse “sociedade”, não disse “governo”. Apoio todas as políticas sociais que obedeçam à lógica e que nasçam do desejo real de ajudar as pessoas a superar as dificuldades de largada, mas não só isso. Apoio as iniciativas individuais, as organizações independentes, os indivíduos altruístas, os clubes e organizações que se mobilizam para cumprir uma parte importante da tarefa que o Estado, pelo seu tamanho, ineficiência e incapacidade de cuidar bem do dinheiro dos outros, não cumpre. E mais uma vez: esses problemas sociais nada têm a ver com meritocracia. Eles vêm antes dela.

Não vivemos mais no século 18. Aquele conceito do nobre que nasce nobre e será nobre pelo resto da vida, do plebeu que nasce plebeu e será plebeu pelo resto da vida, não existe mais. Aquele rico da caricatura dos programas de humor até existe, mas é uma minoria. E aquela conversa de que para um ficar rico outro tem de ficar pobre,



ficou lá no século 19, embora alguns dinossauros ainda vaguem por aí com esse papo.

É tudo uma questão de inteligência: girar a roda do valor para que ela seja uma espiral virtuosa, para frente e para cima. Ter a consciência de que só serei bem-sucedido se as pessoas que consomem meu serviço, meu produto, também forem bem-sucedidas. Quero que meus leitores e ouvintes tenham um carro melhor, uma casa melhor, uma educação melhor. Quero ver cada vez mais gente repetindo a história que mais conhecemos no Brasil: a do retirante, do imigrante, que chega com uma mão na frente e outra atrás, educa às duras penas seus filhos, que terão empregos e remunerações melhores que seus pais, e darão a seus filhos condições ainda melhores para mudar de vida, de patamar.

Quem sabe até se transformando em presidente da república!..

É assim que a humanidade evolui. E algumas pessoas têm o mérito de puxar essa evolução, criando valor e sendo remuneradas por isso. Ainda bem que essas pessoas existem!

Muito bem, então aceite que você será medido pelo valor que você gera para os outros. Não será pelo lugar onde você nasceu, pelo sobrenome de seu pai ou sua mãe, por seus belos olhos ou pela bela bunda. A menos que você seja a Regininha, mas aí a conversa não é mais meritocracia...

Aceite que você só será promovido se gerar valor, ganhará dinheiro se gerar valor, será reconhecido se gerar valor. Sem gerar valor, você é invisível.



Tire o foco da dedicação, das horas trabalhadas, do “eu mereço porque me esforço”.

Coloque o foco no resultado de seu esforço. Isso é meritocracia, e não é assim porque o capitalismo quer. É assim porque somos seres humanos.

Pausa para ouvir Aristóteles:

A grandeza não consiste em receber honras, mas em merecê-las.

A grande argumentação contra a meritocracia se baseia no fato de que ela privilegiaria aqueles que têm mais condições. Em outras palavras, ela faria o que a música diz...

E o motivo todo mundo

Já conhece

É que o de cima sobe

E o de baixo desce...

Bom xibom, xibom, bombom!

Quem critica a meritocracia aponta que, por exemplo, 1% da população mundial, os ricos, tem mais dinheiro que os restantes 99%. E que essa desigualdade é causada pela meritocracia. E para piorar, baseando-se nos dados da lista da Forbes, 30% dos 1.645 bilionários são norte-americanos! E um terço herdou parte ou a totalidade da sua riqueza, olha que horror! Um terço dos bilionários é oriundo de uma



sociedade capitalista! E um terço é constituído de herdeiros, que não trabalharam mais ou melhor do que os outros 99% do mundo, os pobres... Apenas foram sortudos de nascer em família rica. Como o mundo é injusto, não? E bota isso na conta da meritocracia.

Outro argumento é o de que a meritocracia contribui para destruir o conceito de trabalho em equipe, de comunidade, fazendo com que as pessoas pensem apenas em si mesmas. E a meritocracia faz com que as empresas instituem políticas de pressão em resultados, destruindo a vida pessoal dos indivíduos, provocando estresse, pressão psicológica e doenças.

Meu, a meritocracia é uma merda!

Mas... será?

Essa argumentação crítica é mais um método utilizado especialmente pelos que querem acabar com o maldito capitalismo. Pô, capitalismo outra vez? Pois é. Não é ele o dono da meritocracia?

Achei um texto bem legal que trata dessa questão do capitalismo que usa a meritocracia como instrumento de opressão e desigualdade social:

“Há uns cretinos descendo o cacete na ‘meritocracia’ como se esta fosse a quintessência do ‘neoliberalismo’, do conservadorismo, do capitalismo enfim. Da minha parte, nunca usei esse termo nem o conceito que lhe corresponde, que para mim tem apenas o valor nebuloso e ambíguo de um slogan. Só para dar uma ideia do que estou dizendo: qualquer regime comunista é incomparavelmente mais

‘meritocrático’ do que o mais eficiente dos capitalismos. No regime de livre mercado, o sujeito pode subir na vida por mera sorte ou porque, sem mérito nenhum, caiu nas graças do povo. No comunismo, se você é nomeado para um cargo e não mostra competência suficiente para alcançar as metas que o governo lhe designou, você não apenas é demitido, mas vai para o Gulag. A ideia mesma de meritocracia supõe uma unidade dos critérios e da autoridade julgadora, isto é, a radical centralização do poder, como acontece no comunismo e no fascismo. O que torna o capitalismo mais suportável é justamente a pluralidade dos critérios de julgamento, a existência de um número incontrolavelmente grande de caminhos para o sucesso (e para o fracasso).”

Logo após o surgimento da União Soviética em 1922, Vladimir Lenin definiu os atributos das pessoas que poderiam ser apontadas para cargos de direção no governo soviético: confiabilidade, atitude política, qualificações profissionais e habilidade administrativa. E, evidentemente, filiação ao Partido Comunista. Assim, montava-se uma lista de candidatos que recebia o nome de Nomenklatura, do latim Nomenclatura, que quer dizer “lista de nomes”. Até os anos oitenta, quando Mikhail Gorbachev conduziu as reformas que implodiram a União Soviética, ser Nomenklatura significava pertencer a uma elite poderosa, que decidia em muitos casos até mesmo sobre a vida e morte das pessoas e que gozava de benefícios com os quais o cidadão comum nem mesmo podia sonhar. A Nomenklatura era, assim, uma nova classe social, privilegiada, invejada, poderosa e organizada.

Para ascender dentro da Nomenklatura, o indivíduo precisava ter um padrinho. Em retribuição, o promovido mantinha as políticas do



padrinho. Essa relação de dependência dava à Nomenklatura a homogeneidade de adoção de regras, que foi fundamental à manutenção da política de ferro e fogo da União Soviética.

A elite da Nomenklatura tinha abaixo de si os “apparatchiks”, os “agentes do aparato”, indivíduos que desempenhavam tarefas burocráticas nos níveis mais baixos, de não liderança. Não eram pessoas especialmente habilidosas nas tarefas para as quais eram apontadas, pois suas nomeações atendiam a interesses políticos. O resultado foi a caríssima, imensa, quase inexpugnável burocracia soviética, repleta de puxa-sacos e que, entre outros problemas, funcionava como um estado policial.

- Cuidado com o que você diz. Seu vizinho pode ser um apparatchik e você vai dançar!

Naquela União Soviética, ser Nomenklatura ou apparatchik era dureza. Cair em desgraça era ser apagado da história. Literalmente.

Quando Gorbachev tentou reformar o Estado, o castelo soviético ruiu, deixando viúvas por todo o mundo, especialmente na América do Sul.

Entendeu? Não existe sociedade mais meritocrática que aquela em que o Estado é o senhor absoluto! Onde um ente de poder tem a decisão em suas mãos, inclusive sobre o mercado. Portanto, imputar a meritocracia ao capitalismo é apenas um truque, e dos mais sem-vergonha, dos sonháticos que prometem aquela utopia que o outro lá diz que perdeu...

Ah, sim, quem escreveu aquele textinho que você acaba de ler foi... o

Olavo de Carvalho!

Deixe-me falar um pouco mais sobre o método dessa gente que especula sobre as culpas que seriam de um sistema ou de toda a sociedade, e não dos indivíduos e seus comportamentos particulares.

Como é padrão do discurso progressista, eles selecionam fatos isolados e, a partir deles, projetam cenários pessimistas, deixando aspectos positivos de lado. Sabe aquela matéria sobre a libertação de trabalhadores escravizados numa fazenda, que você viu na tevê? E que pelo texto e abordagem leva a crer que isso acontece na maioria das fazendas, logo o agronegócio é coisa do demônio e tem de ser combatido? Pois é, o mesmo fazem com a meritocracia.

Mas eles vão mais fundo... Ao projetar os cenários pessimistas, maximizam o problema: a meritocracia é a raiz de todos os males! E vão mais longe. Eles generalizam a questão: todo mundo é assim, todo empregador, toda empresa, todo capitalista é um opressor, um oportunista, um explorador dos mais fracos. Fico imaginando uma criança em sala de aula ouvindo seu professor de história demonizando os empresários e sabendo que seu pai é um empresário. Como fica aquela cabecinha quando chega em casa? Ah, tô viajando? Isso não existe?

Tá bom.

Mas vamos adiante, eles então fazem da questão um caso cultural, antropológico e sociológico, que inviabiliza qualquer resposta lógica. A única saída é a revolução, é acabar com tudo que está aí. Portanto, invada, quebre, bote fogo no pneu e, se possível, cale a boca de quem

for contra.

Os carnívoros acham que podem ir às ruas, quebrar vitrines de bancos e matar um ou outro. Os herbívoros acham que só o Estado pode resolver, é claro. Portanto, mais leis, mais burocracia, mais intromissão, mais controle, menos liberdade, mais quotas, e a individualidade que se dane.

- *Viva o Estado!*

Mas qualquer que seja o agente da revolução, o objetivo é um só: controle. E aí cairemos naquele texto do Olavo: numa sociedade totalitária e essencialmente meritocrática no sentido de privilegiar apenas os que tem o atributo fundamental: ser amigo do rei.

Não é o samba do criou... do afrodescendente doido?

Muito bem, o Olavo trouxe a visão da meritocracia sob o ponto de vista ideológico e esclareceu um aspecto primordial ao dizer que *“A ideia mesma de meritocracia supõe uma unidade dos critérios e da autoridade julgadora, isto é, a radical centralização do poder, como acontece no comunismo e no fascismo.”*

Radical centralização do poder. Agora me responda, nessa sua vida, quem tem o poder de decidir quanto você vale? É a pessoa que percebe o valor que você traz para ela, para a empresa, para a sociedade. É seu chefe. Sua namorada. Seu marido. Sua comunidade. Sua esposa. Seus vizinhos de condomínio. Seu cliente. É sempre alguém que detém o poder de definir se você tem ou não valor.



Veja o meu caso. Este texto, os programas que fiz a respeito do tema. Deu um baita trabalho, me esforcei um monte, e tenho consciência de que só você que está lendo é que determinará se valeu a pena perder tempo comigo. Para algumas pessoas, este texto é uma iluminação. Para outros será lixo.

E se eu gritar:

- A meritocracia é injusta!

...estarei culpando a espingarda pelo crime.

Quem paga o salário do Neymar e do Brad Pitt? É você, ao voluntariamente dar audiência, consumir os produtos de seus patrocinadores, comprar ingressos de cinema e de futebol, assinar a TV a cabo, comprar o DVD... O poder é seu. Você é quem estabelece o mérito desses milionários, ao valorizar o prazer que eles trazem a você.

-Ah, Luciano, mas eu não valorizo esses caras!

Bem, outros milhões valorizam...

Num trecho do comentário de um ouvinte do Podcast, que usei na abertura do programa 461, ele diz assim: “Quer dizer, as pessoas não sabem o que valorizam de verdade: elas dizem ‘valorizo a honestidade’ quando na verdade exibem e reforçam comportamentos desonestos, levando à prosperidade pessoas ‘desonestas’, mas essa sociedade não deixa de ser meritocrática, ela apenas não tem consciência plena de seus reais valores.”



Vamos ver. Enquanto eu escrevia aquele programa, fiquei sabendo que, segundo o Controle da Concorrência, Globo, Record, SBT, Band e Rede TV! dedicaram 27 horas à morte do cantor sertanejo Cristiano Araújo no final do mês de junho de 2015. Destaque para a Record, com mais de 12 horas, e a Globo, com 4h e 53 minutos.

Em agosto de 2014, pouco menos de um ano antes, a morte de Eduardo Campos, candidato à presidência da República, teve espaço de 24 horas na grade das mesmas cinco emissoras. Na ocasião, a Record também liderou a cobertura com mais de 6 horas dedicadas ao tema.

27 horas para o cantor, 24 para o candidato à presidência.

Quem cuida da programação e do jornalismo das emissoras de televisão acha que o cantor vale mais que o candidato. É isso o que está nas entrelinhas.

Vou adaptar aquele comentário do Rafael para esse exemplo que acabo de dar: *“Quer dizer, as pessoas não sabem o que valorizam de verdade: elas dizem ‘valorizo aquilo que é bom para a sociedade’ quando na verdade exibem e reforçam comportamentos exclusivamente comerciais, levando à prosperidade pessoas que pouco impacto prático têm em nossas vidas. Mas essa sociedade não deixa de ser meritocrática, ela apenas não tem consciência plena de seus reais valores.”*

Sacou? A notícia da morte do sertanejo que você que ouve o Podcast Café Brasil provavelmente nem sabia quem era vale mais que a do político que poderia mudar para melhor ou para pior nossas vidas.

Entendeu de quem é a responsabilidade por dar o valor?

Ah, maldito capitalismo, não é?

Mas, e os professores?

- Ah, professor não canta nem joga bola... professor só pega no pé e dá nota baixa pra gente...

Quando valorizamos uma classe, e aceitamos dar a ela o que ela merece, quando pagamos para o “Neymar” dos professores mais do que para a média dos professores, fazemos da meritocracia algo positivo, motivador.

A sociedade, de novo: eu e você, que aceitamos o descaso dos que tratam os professores a pontapé, fazemos com que eles sejam cada vez menos valorizados. Quando o mérito dos professores não é reconhecido, a primeira culpa é minha. É sua.

Reparou que eu disse “fazemos”? Vou repetir: quem faz a meritocracia ser algo bom ou ruim são pessoas como você, por exemplo, que defendem a valorização dos professores por terceiros, mas esquecem que essa valorização tem que começar por... você!

Mas tem mais, deixe-me puxar a brasa pra minha sardinha. Agora vai ficar bom mesmo. Olha só.

O sujeito que paga bovinamente 10 reais por uma lata de cerveja quente na balada, que ele vai mijar dentro de alguns minutos, e depois acha um absurdo eu pensar em cobrar um real para fazer o



download de um episódio do Podcast Café Brasil, está deixando explícito o mérito de cada coisa.

Para ele, uma lata de cerveja vale muito, mas muito mais que um programa de 25 minutos que mexe com sua cabeça. E assim ele colabora para que tudo fique como está.

- Ah, lá vem o Luciano querendo que eu pague para ouvir o podcast!

Não, seu tonto, estou mostrando que é você que faz da meritocracia algo bom ou ruim. Quando você dá audiência, compra o CD, compra a roupa, vai à balada, puxa o saco daquele artista, mas não paga 35 reais por um livro “porque é caro”, você está impondo a injustiça ao sistema, entendeu? Mas talvez você nunca tenha pensado nisso, não é?

E assim o artista comercial e descartável vale mais que o escritor ou o político que poderiam mudar a história do país. O jogador de futebol vale mais que o professor.

A cerveja e a zoeira valem mais que o conhecimento e a reflexão.

E não sou eu quem está dizendo isso, é você, ao escolher a que ou a quem dará valor.

E se você é o chefe de uma equipe e está diante da decisão de promover um funcionário? Vai fazê-lo por qual razão? Você será justo? Ou vai escolher pela simpatia? Ou então por ser a Regininha?

Pense. Sua escolha vai determinar o mérito que as coisas têm. Sua



escolha vai determinar o valor que o trabalho das pessoas tem. Sua escolha vai definir quem merece ou não progredir.

É o valor que você dá ao programa sensacionalista na TV, em detrimento daquele programa de entrevistas imperdível, que fará com que mais programinhas sensacionalistas apareçam, ocupando todos os espaços nos programas de tevê e consumindo todos os recursos que poderiam estar ajudando a mudar a história deste país.

Alô, você, diretor de marketing daquela grande empresa! É sua escolha colocar milhões em propaganda naquele programa popular, naquela revista popular, que fará com que mais programas populares e revistas populares continuem existindo, ocupando os espaços de coisas, digamos, menos populares, com mais conteúdo, com mais valor. Você escolheu quem tem o mérito para receber seus investimentos, com base no volume de audiência, sem se preocupar com a qualidade da audiência, não é?

Mais uma vez: a meritocracia é um processo. Que é definido na sua cabeça. O uso que fazemos dela é que determina se ela é boa ou má.

No fundo, a culpa é sempre sua.

Bem, retomando aquela questão da meritocracia como uma ferramenta de opressão dos porcos capitalistas, minha meritocracia, minha, do Luciano Pires, vê com bons olhos aquele empresário honesto que foi bem-sucedido.... Calma, deixe-me esclarecer aqui... Atenção você que está desesperado para misturar tudo: reparou que eu disse EMPRESÁRIO HONESTO? Sim, honesto, que eu acredito que representa a maioria absoluta dos empresários brasileiros.



Minha meritocracia vê com bons olhos aquele empresário honesto, o empreendedor que montou sua loja e depois uma rede de lojas, criou empregos, pagou impostos e está fazendo com que outros cresçam com ele. Quero admirar o carro que ele tem, o barco que ele tem, as roupas que ele veste, as viagens que ele faz... Quero reconhecer o mérito que ele teve para obter o que obteve. Se ele vem de origem humilde, vou admirá-lo ainda mais. Quero pensar que um dia eu chego lá também, e se eu não enriquecer como ele, tenho certeza de que tê-lo como parâmetro me motivará a seguir sempre mais longe. Mas, para chegar lá, vou ter que criar valor, e para isso vou precisar de um monte de gente comigo. Gente que se beneficiará de minha riqueza.

Se eu conseguir ser bem-sucedido obedecendo aos valores morais que me caracterizam, serei mais um daqueles polos de geração de valor que constroem uma sociedade rica e capaz de evoluir.

Eu, sendo como aquele empresário honesto, serei um bem para a sociedade. Quando chegar aos meus 100 anos idade poderei olhar para trás e ver com orgulho quanto construí, quanta gente se beneficiou disso, quanto valor fui capaz de gerar. E ficarei feliz por ter feito tudo por meus méritos.

- Vai, ô capitalista nojento!

Pô, meu, você ainda não entendeu?



Então tome uma frase provocativa do escritor colombiano Samael Aun Weor, pseudônimo de Victor Manuel Gómez Rodríguez:

A sociedade é a extensão do indivíduo, e o que é o indivíduo é a sociedade, é o mundo.

Muito bem. Vamos falar de um milionário, daqueles que não herdaram, mas construíram sua fortuna? Que tal Erick Schmidt, o ex-CEO do Google que em 2015, como CEO da Alphabet teve salário-base de U\$ 1,25 milhões que, agregado de bônus e outros benefícios foi de US\$ 108 milhões? Sim, você leu certo: ele ganhou cento e oito milhões de dólares em 2015. Perguntado sobre a razão de seu sucesso, Erick disse:

- Muitas pessoas que são espertas, trabalham duro e jogam conforme as regras, não têm uma fração da riqueza que eu tenho. E descobri que não tenho minha riqueza porque sou um sujeito brilhante.

Ou então Warren Buffett, o segundo homem mais rico do mundo? Ele disse:

- Penso que a sociedade é responsável por uma porcentagem significativa de tudo que consegui ganhar.

Erick e Warren dizem que sua prosperidade veio em grande parte de coisas que estavam além de seu controle. E do suporte que eles



tiveram de outras pessoas! O que nos leva então àquilo que pode se constituir num problema quando lidamos com a meritocracia: o critério para o mérito.

Tangenciei essa questão desde o primeiro programa da série.

Quem define o critério que define o mérito? Essa definição leva em conta que o valor e o talento das pessoas dependem das circunstâncias? Considera que o valor de uma pessoa não pode ser reduzido a uma letra ou a um número numa escala de mérito? Que papel a sorte tem nesse processo?

E a questão se torna verdadeiramente cabeluda quando sabemos que quem define critérios são... pessoas. Seres humanos. É aí, e não naquela discussão ideológica burra sobre capitalismo, que devemos enquadrar a questão da justiça e injustiça da meritocracia.

A pergunta fundamental é uma só: quem é o juiz?

Da forma como a meritocracia é implementada nas empresas, ela se baseia numa cultura de 10 mil anos, que estabelece rígidas hierarquias e a competição para decidir quem é o macho alfa.

Aliás, em 2016 surgiram discussões absolutamente malucas questionando os critérios de entrega das medalhas na Olimpíada, por parte de gente que viu na cerimônia a presença da meritocracia do capitalismo, que coloca um sujeito em lugar mais alto que outros, que ficam assim diminuídos. Pode uma coisa dessas? O sujeito se mata de treinar, dedica a vida àqueles 30 segundos, consegue o ouro e tem de ouvir que não deve ser celebrado, pois outros se sentiriam



constrangidos?

Acredite, essa conversa existe. Competição. Individualismo. Os estressados ideologicamente odeiam isso.

Quer outra batata quente? O alguns dizem que o fato de as mulheres serem mais abertas para a cooperação e colaboração é parte da explicação da existência de poucas mulheres em posição de comando.

O que fazer então? Bem, você como líder deve entender que a verdadeira meritocracia deve considerar os múltiplos talentos de cada um. Que, na velocidade em que as coisas mudam hoje em dia, nossas avaliações também precisam mudar. Que o contexto, e só ele, é quem determina a régua pela qual deve ser medido o valor do trabalho dos outros. Que meritocracia não é coisa de capitalismo. Que quem mantém a meritocracia é você, e que ela não é boa, nem má, ela apenas é.

Bote uma coisa na cabeça: o mundo não é justo, nunca foi e jamais será, mas isso não significa que devemos nos conformar com essa situação! O que temos de fazer então? Temos é de aprender a conviver com essa realidade, enquanto agimos para reduzir as injustiças.

Entendeu? Conviver com a realidade, mas agir para reduzir as injustiças.

E tudo começa pelo entendimento de algumas coisas que têm sido, por ignorância ou intenção, embaralhadas.



Primeiro: a riqueza não é algo absoluto que existe na natureza e que, para que um tenha, é obrigado a tirar de outro. Não é empobrecendo quem tem que vamos resolver o problema, mas sim fazendo com que todos gerem mais valor. E, principalmente, reconhecendo o mérito e incentivando aqueles que produzem valor.

Segundo: cabe a você dar o mérito a quem e àquilo que você acha que tem valor financeiro, moral, intelectual, espiritual ou qualquer outro tipo.

O valor quem dá é você.

Terceiro: o Estado não cria riquezas. Não gera nada. Não produz nada. Seu papel deve ser o de árbitro, de facilitar a vida das pessoas que querem produzir, coisa que ele há muito deixou de fazer. Seu outro papel é criar condições de segurança para que as pessoas tenham tranquilidade para desenvolver suas missões. E também estimular para que as pessoas se ajudem.

Esse é o Estado que tem mérito.

Quarto: desculpe-me se você vai se ofender, mas nunca existiu e nem nunca existirá igualdade de oportunidades. A menos que a engenharia genética chegue a um ponto em que todos nasçam iguais... Além disso, nada está determinado. Não existe nenhum futuro pré-traçado para você que nasceu pobre continuar pobre ou que nasceu rico continuar rico. Você será o resultado das escolhas que fizer, são elas que vão determinar a sua capacidade de criar valor. Alguns terão mais sorte que outros, mas sorte é acaso, que você pode influenciar a seu favor.



Sorte? De novo? É.

Mas isso é tema para outro e-book.

Quinto: cabe a cada um de nós, a mim e a você, contribuir para que as injustiças da sociedade sejam reduzidas. E para isso podemos usar a meritocracia. Dê seu voto, sua audiência, seu dinheiro, teu tempo e seu esforço para as pessoas que você julga que estão verdadeiramente contribuindo para que a sociedade se torne melhor. Sabe aquele blog que traz para você notícias que os jornais não dão? Sabe aquele site que traz para você informações valiosas para seus estudos? Sabe aquela entidade em seu bairro que conduz um programa para ajudar viciados em drogas? Sabe aquela igreja que promove uma ação social para angarias agasalhos para os necessitados? Sabe aquela campanha do governo para vacinação contra a dengue? Sabe aquela ONG que realiza um trabalho de conscientização sobre doenças sexualmente transmissíveis? Sabe aquela empresa que anuncia na Globo e que você sabe que realmente contribui para uma causa social?

Contribua com todos eles. Dê um real aqui, uma tuitada ali, mande um e-mail, faça uma doação, ajude com sua força de trabalho.

Dê um pouco de seu esforço para aqueles que você acha que agregam valor à sociedade. Pratique a meritocracia. Quando 1, 5, 10, 100 milhões pensarem assim, a gente faz a revolução que realmente interessa a este país.

A trilogia sobre a meritocracia abrangeu os Podcasts Café Brasil 460 - Meritocracia, 461- Meritocracia dois e 462 – Meritocracia três, mas o



assunto se desdobrou em programas seguintes, que mantiveram parentesco com o tema meritocracia, como o 463 – Sobre sorte e azar, o 464 – Desigualdade social, o 465 – Ainda a produtividade, o 474 – La Mano peluda, o 475 – Estadão e Estadinho e o 485 – Capitalismo, Estado e Compadres.

Recomendo que você acesse as páginas desses programas no www.portalcafebrasil.com.br para acompanhar os comentários dos ouvintes. É uma riqueza só...

Olha, este texto está aqui para provocar reflexões. Não estou dando a última palavra, não sou o dono da verdade, não tenho certeza de nada e acho que tem gente que vai achar até que fiz uma baita salada. Mas é assim que a discussão se inicia. Se você morder a isca, talvez se interesse em mergulhar mais no assunto, até para se certificar de que eu estou totalmente errado.

Comente. Provoque. Discuta. Mas faça isso lá na área de comentários dos podcasts. É ali que o programa continua.

Para terminar, uma frase de Friedrich Nietzsche:

Nenhum vencedor acredita em sorte.



ENSAIO SOBRE MERITOCRACIA

Escrito por Luciano Pires



**Este texto faz parte do
Café Brasil Premium.**

**De onde veio,
tem muito mais.**

— Para saber mais, acesse www.cbpremium.com.br —

